



CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPITAL SOCIAL DA CULTURA ÁRABE NA DINÂMICA DA FRONTEIRA DE PONTA PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)

Autores:

Natalia Bogado Balbuena - UEMS - natalia_economia2014@hotmail.com

Aline Robles Brito - UEMS - alinerobles.brito@gmail.com

Eliana Lamberti - UEMS - lililamberti@hotmail.com

Resumo:

Analisar a influência do capital social da cultura árabe na dinâmica econômica fronteiriça de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero é o objetivo central deste artigo. Para isso, são apresentados conceitos importantes sobre capital social e suas relações com a lógica social de uma região. Em seguida, explana-se acerca da influência dos fatores intrínsecos inerentes à presença dos árabes em regiões de fronteira. Por fim, empreende-se algumas reflexões sobre alguns aspectos que podem ter determinado a vinda e a expansão dos árabes para a fronteira em epígrafe. Os procedimentos metodológicos envolveram, essencialmente, uma revisão de literatura pautada em livros, artigos e demais trabalhos científicos. A pesquisa possui natureza qualitativa e classifica-se em um estudo descritivo e exploratório. As considerações ao longo do artigo, permitem concluir que o capital social, expressados pelas relações de confiança, pela cooperação e pelo espírito empreendedor identificado entre os árabes pauta-se em seus princípios culturais. Além disso, tais relações apresentam-se como um fator significativo no processo de formação social e econômica da região estudada.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPITAL SOCIAL DA CULTURA ÁRABE NA DINÂMICA DA FRONTEIRA DE PONTA PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)

INTRODUÇÃO

A dinâmica peculiar inerente a um cenário fronteiriço apresenta-se com particularidades que propiciam o surgimento de diversas relações (algumas favoráveis outras nem tanto) no âmbito social, econômico, político e cultural, presentes e indissociáveis nas historicidades desses locais.

Somados a isso, a existência de diferentes modelos de desenvolvimento entre os países ou regiões, ampliam a necessidade da compreensão acerca de aspectos que interferem no processo evolutivo que vão além de um viés estritamente econômico. Entre estes aspectos, destaca-se a constituição do capital social de determinado grupo social, ou étnico, como é o caso dos árabes. Segundo Muls (2008, p.13), a concepção de capital social “nos ajuda a captar os mecanismos e os fatores extra econômicos que contribuem para o desenvolvimento e ressalta a importância dos fatores institucionais para a compreensão das relações econômicas”.

Além disso, é preciso considerar que a concepção de capital social está atrelada a fatores conjuntos de ordem cultural, como confiança, cooperação e ações para o bem comum (BOISIER, 2000). Abramovay (2000) ressalta que compreender a influência do capital social sobre as dinâmicas de uma região permite visualizar que os indivíduos não agem independentemente pois seus objetivos não são determinados de maneira isolada.

Nesse sentido, este artigo visa estabelecer algumas reflexões acerca da influência do capital social advindo da cultura árabe na dinâmica do desenvolvimento econômico da fronteira de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY).

Ao contrário dos imigrantes europeus incorporados às atividades agrícolas. Os imigrantes árabes desde a sua chegada, foram incorporados às atividades comerciais, como “mascates” (ALVES, 2014; TRUZZI, 1997). Assim, percebe-se que em prol do interesse comum e das condições apresentadas, os árabes estabeleceram-se no comércio fronteiriço.

De acordo com Rabossi (2007), a busca por novas oportunidades comerciais foi o principal motivo que levou os árabes à fronteira com o Paraguai. Segundo Alves (2014), inicialmente, a presença árabe ocorreu dentro de um método de interiorização, em que os árabes, já estabelecidos em São Paulo, começaram a praticar suas atividades comerciais no território paranaense, chegando até a fronteira, e, posteriormente, integrando-se às cidades de Ponta Porã, no Brasil, e Pedro Juan Caballero, no Paraguai.

Com a ausência de estudos aprofundados sobre o tema e a grande concentração de árabes no comércio de fronteira de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY), acredita-se que com este estudo se torna possível refletir sobre a influência das relações estabelecidas por esse grupo social no desenvolvimento fronteiriço, e ainda, evidenciar as potencialidades oferecidas pela dinâmica comercial da fronteira. Assim, o presente estudo se faz relevante, haja vista que entender de que forma os aspectos relacionados a cultura árabe foram determinantes para a fixação e expansão dos árabes no comércio fronteiriço?

O escopo metodológico para a consecução desse trabalho, de natureza qualitativa bem como classificada em uma pesquisa descritiva e exploratória quanto ao seu objetivo, é essencialmente de caráter bibliográfico. Conforme Marconi e Lakatos (2003) a pesquisa bibliográfica propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Para isso, foi realizado um levantamento teórico e uma revisão de literatura buscando relacionar os principais assuntos e conceitos importantes, como Desenvolvimento e Capital Social, Cultura Árabe e Fronteira. Foram consultadas diversas fontes bibliográficas, como livros, artigos e demais trabalhos científicos, especificamente direcionados à cultura dos segmentos populacionais analisados, os árabes.

O artigo estrutura-se em três seções, além desta Introdução e das Considerações Finais. A seção 2 apresenta-se alguns conceitos direcionados ao capital social e suas relações com o desenvolvimento de uma região. Em seguida, explana-se acerca da influência dos fatores intrínsecos inerentes à cultura árabe em regiões de fronteira. E na seção 4, empreende-se algumas reflexões sobre aspectos que podem ter determinado a vinda e a expansão dos árabes para a fronteira em epígrafe.

DESENVOLVIMENTO E CAPITAL SOCIAL: alguns conceitos e suas relações

Inicialmente, é preciso ressaltar que o conceito de desenvolvimento é muito mais amplo que o conceito de crescimento econômico. O crescimento econômico está baseado, essencialmente, na elevação do Produto Interno Bruto – PIB, que é, em síntese, a soma dos produtos e serviços de determinada região, ou país, em certo período avaliado. Assim, o crescimento relaciona-se ao aumento da capacidade produtiva da economia, ou seja, da produção de bens e serviços (SOUZA,2012).

Duarte (2013) sintetiza que o desenvolvimento deve ser compreendido como um decorrente do processo de crescimento, visto que a maturidade se dá ao atingir uma taxa de crescimento contínua e sustentada da economia. Ou seja, o crescimento econômico precisa acompanhar o ritmo capaz de atender as necessidades de diversos países e/ou regiões, referente aos anseios das diferentes classes sociais.

Sob essa perspectiva mais regionalista, é preciso compreender que,

As teorias de desenvolvimento regional evoluíram de abordagens [...] atualmente, as abordagens podem ser caracterizadas como sendo do tipo mesoeconômicas, cujo foco são a *região* e o seu potencial competitivo em um ambiente cada vez mais integrado com outras regiões e países. Ao mesmo tempo em que aumentam seus vínculos externos, a alternativa para o desenvolvimento regional está cada vez mais *na capacidade da região em mobilizar seus recursos endógenos*, atualizando permanentemente seus processos e arranjos produtivos (FOCHEZATTO, 2010, p. 184, grifo nosso).

Sen (2000) ainda enfatiza que a concepção de desenvolvimento deve ir muito além das questões atreladas a renda, a acumulação de riqueza e PIB. Para o autor, para haver desenvolvimento em uma região, é preciso que as principais fontes de privação de liberdade sejam removidas, como a pobreza, escassez de oportunidades econômicas, a destituição social sistemática, ainda, a negligência dos serviços públicos, entre outras.

Assim, compreende-se que o processo de desenvolvimento, de fato, ocorre quando todos os fatores (internos e externos) que influem na dinâmica de uma região são considerados sob diferentes dimensões.

Partindo-se desse pressuposto, Lopes (2003) corrobora afirmando que variáveis como o capital humano, ciência e tecnologia, instituições, pesquisa e desenvolvimento passam a ser consideradas como fatores endógenos (internos), que fazem parte do processo produtivo e são capazes de influenciar o nível de crescimento e desenvolvimento. Ou seja, um país ou uma região que possuir tais fatores podem aumentar o valor agregado à produção, a produtividade do sistema produtivo, acelerar o crescimento, aumentar o produto e possibilitar uma melhor distribuição da renda.

Em outras palavras, o desenvolvimento regional, em sua essência, enfatiza a atuação dos atores locais, considerando as potencialidades existentes na própria região visando suprir as necessidades e as demandas da população local, envolvendo a participação ativa da comunidade local nos processos produtivos (BARQUERO, 2002).

Barquero (2002, p. 57) ainda contribui, sintetizando que, enquanto a teoria tradicional aponta para a industrialização e a transferência de recursos externos como força propulsora do desenvolvimento, a teoria de um desenvolvimento mais endógeno baseia-se na ideia de que as “localidades e territórios dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais e culturais, bem como de economias de escala não aproveitadas, que formam seu potencial de desenvolvimento”. Sob a perspectiva dessa endogenia do desenvolvimento, o conceito de *capital social* se apresenta relevante.

Para Fukuyama (1996) o capital social pode ser compreendido, em essência, como a capacidade de confiança que uma sociedade ou parte dela possui, transmitido por mecanismos culturais, como religião, tradição e hábitos históricos. Putnam (2006) corrobora, enfatizando que, o capital social está relacionado com características de organização social, como confiança, normas e sistemas, e contribui para aumentar a eficiência da sociedade, pois

[...] assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse (...). Por exemplo, um grupo cujos membros demonstrem confiabilidade e que depositem ampla confiança uns nos outros é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança [...] (PUTNAM, 2006, p.178).

O autor pressupõe ainda que, o capital social tem como elemento básico a confiança, quanto mais elevado o nível de confiança em uma comunidade, maior a possibilidade de haver cooperação. Haja vista que a própria cooperação gera confiança, provocando círculos virtuosos que se convertem em elevados níveis de cooperação, confiança, reciprocidade, civismo e bem-estar coletivo (PUTMAN, 2006).

Coleman (1988) utiliza a ideia de capital social como um recurso capaz de gerar benefícios e recorre a termos econômicos. Sendo assim, o capital social altera a concepção geral de capital, na medida em que estende o alcance do ator social. Em outras palavras, a pessoa humana deixa de ser considerada de forma isolada e interage com a sociedade, passando a ser um construtor de laços de coesão, a partir dos quais, acaba facilitando ações coordenadas a fim de lidar com dilemas coletivos (WOOLCOCK, 1998).

Complementando, Higgins (2005) acrescenta que as relações sociais constituem um patrimônio "não visível", mas altamente eficaz, a serviço dos sujeitos sociais, sejam estes individuais ou coletivos, sendo os motores da ação coletiva a confiança e a cooperação.

Bordieu (2002), por outro lado, afirma que é com a quantificação do capital social de determinadas pessoas ou grupos, que o *quantum* dependerá do tamanho da extensão da rede de relações que ele pode mover e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) relacionado a cada um daqueles a quem está ligado. Ou seja, esses efeitos são visíveis a uma rede durável de relações que determinado grupo social pode gerar, dado que o capital social é complementar ao capital econômico, cultural ou simbólico gerando um efeito multiplicador.

Sendo assim, o capital social, segundo os estudiosos da sociologia, pressupõe que a dinâmica das relações de sociabilidade e de colaboração entre os atores de uma localidade oportunizam o alcance de novas fontes de capital: a confiança mútua, as normas e as redes sociais (FIALHO, 2016). Essas fontes, dentro do contexto do desenvolvimento de uma região pode ser algo determinante.

Portanto, o capital social é mais um componente do desenvolvimento a ser analisado, com aptidão à construção de oportunidades de desenvolvimento por meio de redes sociais de negociação. Ademais, se constitui peça chave para se construir, por meio de projetos

alternativos, uma ideia de que as desigualdades devem ser condenadas e as iniciativas locais de desenvolvimento estimuladas (RIBEIRO; FERNANDES; RIBEIRO, 2012).

Em suma, o capital social relaciona-se com um conjunto de fatores naturais e culturais de um grupo (ou localidade), bem como a confiança, a cooperação e as ações comunitárias de interesse comum dos membros entre si. Acerca da influência de aspectos culturais na criação do capital social, Kliksberg (2000) acrescenta que a cultura cruza todas as dimensões do capital social de uma determinada sociedade, pois mesmo que implicitamente, ela traz os conceitos básicos do capital social, tais como: confiança, comportamento cívico e o grau de associacionismo. Essa relação será melhor aprofundada na seção seguinte, ao abordar aspectos sobre a cultura árabe e sua presença nos cenários fronteiriços especificamente.

CULTURA ÁRABE¹ E A FRONTEIRA

Ao propor analisar algumas considerações sobre a influência da cultura árabe no desenvolvimento de uma região fronteiriça, torna-se necessário apresentar, em linhas gerais, um breve escopo sobre o conceito de cultura e fronteira.

De acordo com Canedo (2009) cultura pode ser entendida como um sistema de signos e significados ocasionados por grupos sociais, ela se elabora “através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas” (p. 4-5).

Para Sachs (2000), a cultura é uma palavra polissêmica, ou seja, ela denota ao menos três causas diferentes. O autor enfatiza a cultura como intercessora da relação entre a sociedade e natureza bem como a cultura enquanto valores. Acerca da cultura como valores, trata-se das formas de pensar, de sentir, enfim, como se constituem os estilos de vida de indivíduos, de grupos, regiões e nações (SACHS, 2000). Assim, segundo o autor, a cultura está ligada com outra variável de extrema importância, o estilo de vida. Exemplificando ele afirma que “um brasileiro não vive da mesma maneira que um hindu, um francês não vive da mesma maneira que um americano, e isto não é só a diferença cultural [...] as diferenças culturais, aos valores e o peso do passado, influi para que haja estilos de vida diversos” (SACHS, 2000, p.10).

Partindo-se desse pressuposto, de que a cultura é também um conjunto de valores que movem um grupo de indivíduos ou uma localidade, fica evidente que a individualidade de determinados grupos sociais pode permitir ampliar visões sobre as relações que estes constroem entre si e com o meio em que se inserem.

¹ Cabe ressaltar inicialmente que, segundo Santos Junior (2017), a cultura árabe abrange tradições e costumes, e abarcam povos de diversas religiões tais como: muçulmanos, cristão, judeus, expressando-se através da literatura, música, culinária, arquitetura, vestimenta e essencialmente o idioma árabe.

Dessa forma, é importante ressaltar algumas características da cultura dos árabes, que são pautadas em diversos valores sociais, como a tradição, conservadorismo e costumes, algo que manifesta-se na música, gastronomia, arquitetura, religião e idioma.

El-Moor (2011) aborda que na arquitetura a grande contribuição da cultura árabe fora trazida pelos ibéricos, dos quais usavam azulejos decorativos, chafariz, pátios com flores diversas e detalhes arabescos.

Faulstich e Carvalho (2006) apontam os aspectos da língua árabe na língua portuguesa, trazida pelos ibéricos: vocabulários de natureza político-social, alcaide, alferes, almoxarife, alfândega etc.; vocabulário de ciências, como algarismo, álgebra, nadir, cifra, etc; vocabulário de agricultura, como, açafraão, alecrim, alfazema, algodão etc; vocabulário comum, como alcova, argola, alicate, alfaiate etc.

De acordo com Lapuente (2012) a culinária árabe teve grande influência no Brasil Colônia, permanecendo ainda nos dias atuais. Uma das contribuições dos hábitos alimentares árabes, introduzidos na pirâmide alimentar brasileira, ressalta-se o gosto pelas comidas oleosas, gordas, açucarada, com diversas especiarias, canelas entre tantas outras.

Observa-se que os aspectos culturais dos árabes mantiveram-se em várias vertentes do processo migratório na América do Sul, não só pelos árabes mas também por povos ibéricos. Isto evidencia que o conservadorismo e as raízes dessa cultura, foram incorporados a uma nova realidade, como foi o caso das áreas de fronteiras, onde estes foram instalando-se como mencionado anteriormente.

Sendo assim, em razão da multiplicidade de atores e visões (isso inclui os povos árabes) o que é algo pertinente às regiões de fronteiras, se torna preponderante abordar brevemente algumas conceituações acerca do conceito *fronteira*.

Para Banducci Jr. (2011) a percepção de fronteira está relacionada com a ideia de limite, de barreira, que define o território e estabelece ruptura, impossibilitando a livre comunicação e contato entre os povos que habitam esses espaços. Por outro lado, existe outra percepção, a visão romântica relaciona a fronteira a população unidas fraternalmente, mesmo que sejam separadas por uma linha divisória que lhes é exteriormente imposta. Apesar de não existir exatamente uma “teoria de fronteira” é possível conceituar este termo partindo desde a tradicional concepção de “limite” ou “barreira”, até à aspectos mais amplos, multifacetados e específicos pertinentes aos territórios internacionais (MACHADO, 2010).

Nessa perspectiva mais ampla, Raffestin (2005, p. 10) salienta que a “fronteira é um fato social de uma riqueza considerável, que compreende aspectos físicos, morais, políticos, religiosos e culturais de diversas ordens”. Para o autor, a fronteira não pode ser interpretada sem a história, pois as sociedades foram sempre definidas pelas fronteiras que elas traçaram, conduzindo os movimentos dos povos e marcando as grandes transformações das civilizações.

De forma complementar, para Pesavento (2002) a fronteira cultural extrapola os próprios limites que fixa, ela propicia o aparecimento de algo novo e distinto, tais como, a mistura, a troca, o hibridismo e a mestiçagem cultural e étnica. Muller (2005) contribui com

um olhar direcionado à fronteira sul do Brasil (Uruguai e Argentina), sobre a importância do aspecto histórico e sua influência nas relações socioculturais nas regiões fronteiriças:

A grande extensão geográfica e a diversidade de correntes migratórias que, desde a época da colonização, instalaram-se nos países analisados, sobre a base de uma população aborígine, trouxeram particularidades aos processos de evolução das economias regionais e nacionais. [...] Desta forma, o que se verifica é que não há razões intrínsecas para que as fronteiras significativas dos sistemas sociais sempre coincidam com as fronteiras culturais (MULLER, 2005, p. 532).

Em suma, a fronteira se apresenta como um lugar de contradições e sobreposições de distintas culturas, ou melhor, de distintos modos de vida. Além disso, as historicidades e a mescla desses diferentes elementos culturais e sociais tornam estes lugares dotados de especificidades.

Sendo assim, entende-se que o caráter multifacetado e integrador proporcionado pelo cenário fronteiriço oferece múltiplas possibilidades para diferentes grupos sociais. Isso é justamente o que a próxima seção busca evidenciar, abordando-se desde as razões que motivaram a expansão dos povos árabes e até mesmo de que maneira, as diferentes formas de reprodução desses atores podem ter contribuído para o desenvolvimento de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

A INFLUÊNCIA DOS ÁRABES EM PONTA PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)

Os municípios de Ponta Porã, do lado brasileiro e Pedro Juan Caballero, do lado paraguaio, são divididos por uma linha imaginária que percorre toda a *faixa de fronteira*² seca, que é equivalente a pouco mais de sete quilômetros e propicia uma troca sociocultural. Estes dois municípios formam uma fronteira vibrante, recheada de ações formais e complementaridades funcionais e plurais, sendo conhecidamente como *ciudades gêmeas*.

As cidades gêmeas são definidas como aqueles municípios que dividem a linha de fronteira internacional, seja via terrestre ou fluvial, (articulada por obra de infraestrutura ou não) podendo constituir uma conurbação ou semi-conurbação com alguma localidade de um dos países vizinhos

² A faixa de fronteira é uma expressão de *jure*, algo que está associado aos limites territoriais do poder do Estado (MACHADO et. al., 2005). Para efeito de informação, destaca-se que no Brasil, Faixa de Fronteira brasileira foi normatizada pela Constituição Federal, através da Lei nº 6.634 de 2 de Maio de 1979, que delimitou a sua extensão correspondente a 150 km de largura, paralela à linha divisória terrestre brasileira. E no Paraguai, a faixa de fronteira paraguaia delimitada foi de 50 km, ao ser sancionada em 2005, pela Lei nº 2.532.

do país (BRASIL, 2014). No entanto, é importante salientar que nem todos os municípios que se encontram com a sede no limite internacional são vistos como cidades gêmeas³.

Mais especificamente, no caso de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, existe uma *conurbação internacional*, que pode ser entendida como um espaço que abrange diferentes núcleos municipais, edificações contíguas e com uma evidente inter-relação funcional, mas que conserva uma autonomia administrativa para cada país (BENITO, 2003).

Neste local “habitam mais de 120 mil pessoas⁴ na área urbana e, mais de 150 mil ao considerar o meio rural, as duas estruturas citadinas estabelecem um nível de convivência com intensa complementariedade” (OLIVEIRA, 2005, p. 404). Banducci Jr. (2015) complementa que:

[...] as cidades fronteiriças de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil), centros conurbados, em área de fronteira seca, têm seu cotidiano marcado por grande fluxo de pessoas e bens. Na linha de divisa entre as cidades gêmeas formou-se, a partir da década de 1980, um extenso mercado popular de importados, alimentado pelo turismo de compras brasileiro, que passou a atrair compradores finais e sacoleiros, mobilizando a economia de ambas as cidades (BANDUCCI JR., 2015, p. 2).

Banducci Jr. (2015) acrescenta que além dos brasileiros e paraguaios, atualmente residem também diversos imigrantes estrangeiros como coreanos, chineses, libaneses, sírios, palestinos, entre outros. Estes se tornam proprietários de lojas no lado paraguaio da fronteira, e assim apresentam-se como protagonistas de relações comerciais bem como de intercâmbios culturais com paraguaios e com brasileiros além dos demais visitantes que usufruem na dinâmica do turismo de compras, a principal atratividade da região.

Em linhas gerais, compreende-se que a condição de conurbação internacional e o dinamismo peculiar destes dois municípios tornam esta fronteira, um local com singularidades e especificidades que não são encontradas em outras localidades. Nesse sentido e diante do foco deste trabalho, é preciso entender de forma aprofundada acerca da presença dos árabes, assim, na sequência, apresenta-se um breve histórico sobre o processo de imigração e algumas características destes povos.

³ Inicialmente o Ministério da Integração Nacional listou 30 cidades-gêmeas na Portaria nº 125 em 21 de março de 2014, sendo elas: Aceguá (RS), Barra do Quaraí (RS), Chuí (RS), Itaqui (RS), Jaguarão (RS), Porto Xavier (RS), Quaraí (RS), Santana do Livramento (RS), São Borja (RS), Uruguaiana (RS), Bela Vista (MS), Corumbá (MS), Mundo Novo (MS), Paranhos (MS), Ponta Porã (MS), Coronel Sapucaia (MS), Porto Murtinho (MS), Assis Brasil (AC), Brasília (AC), Epitaciolândia (AC), Santa Rosa do Purus (AC), Barracão (PR), Foz do Iguaçu (PR), Guaíra (PR), Bonfim (RR), Pacaraima (RR), Dionísio Cerqueira (SC), Oiapoque (AP), Guajará-Mirim (RO) e Tabatinga (AM). Posteriormente, foram incluídas nessa lista mais duas: Santo Antônio do Sudoeste (PR) e Porto Mauá (RS) no dia 19 de Julho de 2016. Para ver mais detalhes sobre acessar: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1+&pagina=12&data=20/07/2016>> Acesso dia 20/11/2018.

⁴ População total estimada do município de Ponta Porã é de 77.872 habitantes (IBGE, 2010a) e a de Pedro Juan Caballero é de 88.189 habitantes (DGEEC, 2002).

O processo de imigração árabe no Brasil e Paraguai

Em linhas gerais, a imigração árabe tanto no Brasil como no Paraguai, evidencia-se, historicamente, de forma crescente no decorrer dos anos. Osman (2016), acredita que realizar uma análise acerca dos fluxos migratórios, é um dos procedimentos mais completos de construção cultural externa à comunidade, representando um marco de trocas culturais entre diferentes nações.

A imigração árabe pode ser descrita a partir de duas motivações centrais: o primeiro foi político-religioso e o segundo, econômico-social. A presença árabe no Brasil ocorreu por volta da segunda metade do século XIX, quando os imigrantes árabes começaram a chegar à região sudeste, principalmente em São Paulo (IBGE, 2000).

Conforme Truzzi (1997), o movimento de imigração para o Brasil iniciou-se pouco a pouco nos anos 1880. No período de 1903 a 1913, houve a entrada de 11.101 imigrantes sírio-libaneses, pelo Porto de Santos. Nos anos de 1920, estima-se uma média de 5.000 entradas por ano, que foram reduzindo ao longo dos anos 30, devido à implantação de medidas restritivas por parte do governo central brasileiro.

Já em relação ao Paraguai, conforme apontado por Cruz (2012) os árabes começaram a chegar a partir de 1888, num total de 1604 imigrantes, se estendendo até 1900. Nessa primeira leva imigratória, estes se estabeleciam em Assunção, Vila Rica e Encarnação. O processo migratório continuou até 1914, quando já estavam estabelecidos por quase todo o território paraguaio. Em 1918 a imigração é retomada estendendo-se até 1933. A partir desse período, houve uma diminuição desse movimento, intensificando-se nas décadas de 60 e 70. Esses dados correspondem ao registro realizado pelo primeiro Cônsul honorário da Síria no Paraguai, D. Jorge Daniel, bem como consultas do arquivo da Embaixada de França em Assunção.

De acordo com Truzzi (1997) ao contrário dos imigrantes europeus que foram incorporados às atividades do ramo agrícola, especialmente na produção de café, os imigrantes árabes, descendentes dos fenícios, povo factualmente voltado às atividades comerciais desde sua chegada. Assim, os árabes acabaram optando por trabalhar, desde o início da imigração, em condição de “mascates”⁵.

O autor, ainda enfatiza que, esse tipo de ocupação profissional, numa sociedade ainda em formação, com moradias distantes das grandes metrópoles, somada a carência de mercadorias, como roupas, tecidos e utensílios em geral, acabou possibilitando que muitos prosperassem. Isto acabou proporcionando ainda, uma participação árabe crescente no comércio e desenvolvimento da região (ALVES, 2014; TRUZZI, 1997).

Conforme Alves (2014), o comerciante árabe tem algumas características que o diferencia dos demais comerciantes da região, “ele está sempre atento às negociações comerciais, a sua prática comercial é marcada pela pechincha, melhor oferta, valorização do cliente, valorizando a negociação popular e o trabalho”. (p.112)

⁵ Denominação dada a vendedores ambulantes de “porta a porta”.

Nesse aspecto, admite-se a capacidade e expertise dos árabes em fazer negócios, comprar e vender, importar e exportar, e assim, evidencia-se sua contribuição para o desenvolvimento do comércio fronteiriço. Como já mencionado, a busca por novas oportunidades comerciais foi o principal motivo que levou os árabes à fronteira com o Paraguai (RABOSSI, 2007).

Sendo assim, entende-se que os árabes integraram-se às regiões fronteiriças ao observarem toda a dinâmica do mercado popular de importados e a maior liberdade fiscal para ministrarem seus negócios, portanto, estes foram os principais atrativos para os árabes. Este povo que é historicamente voltado às atividades comerciais expandiu-se e, se concentrou até os dias atuais, na fronteira de Ponta Porã (BR) com Pedro Juan Caballero (PY).

Complementarmente Banducci Jr. (2015), argumenta que o processo migratório, que atraiu famílias oriundas do interior do Paraguai e imigrantes de origem asiática (árabes) para Ponta Porã e Pedro Juan Caballero “contribui para delinear um ambiente social bastante significativo” (p. 3). Segundo o autor, o grupo árabe que ocupa essas posições na fronteira estudada é majoritariamente, formado por sírios e libaneses e seus descendentes, fazendo parte dessa complementariedade e troca sociocultural fronteiriça. Comumente, no comércio constata-se os traços culturais e arquitetônicos da cultura árabe, pois comércio de um árabe é facilmente diferenciado dos demais, com a decoração marcante de quadros de *surata*⁶, bem como no nome das suas lojas que, normalmente, estão em árabe.

É importante ainda salientar que, no caso das cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, a influência árabe no comércio é perceptível tanto no comércio local quanto no comércio internacional. Isso pode ser observado na grande variedade de nomes árabes nas fachadas de restaurantes (*Al Tayeb*) como também em lojas comerciais de importados, tais como: *Salem Center*; *Yasmin Center*; *Sammer Center*; *Hassan Center* e diversos outros. Além disso, em diversas casas noturnas, especialmente em Ponta Porã, são fornecidos aos clientes, os chamados *arguiles*, ou narguilés, que são um dos principais símbolos culturais árabes.

Nesse sentido, compreende-se que os árabes, desde o início de seus processos migratórios no Brasil e no Paraguai, mas especialmente em suas cidades fronteiriças, estiveram atuantes no comércio, por isso, estes podem ser vistos como um tipo de agente econômico. E no decorrer dos anos, os árabes potencializaram suas atividades comerciais ao valorizar o trabalho, sob uma perspectiva de investimentos futuros, assim, foram constituindo um tipo de poupança em sua rede comunitária (ALVES, 2014). Santos Junior (2017) complementa que a influência da riqueza cultural dos árabes está pautada no comércio, e este setor é apontado como determinante para o desenvolvimento da região analisada.

Acerca dessa relação entre os árabes e o desenvolvimento regional, Alves (2014), em suas análises direcionadas às cidades gêmeas de Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY), detectou duas principais características presentes no comportamento econômico dos comerciantes árabes, imprescindíveis a se destacar aqui, que são: i) o comerciante árabe valoriza a família, para eles a família tem que estar em primeiro lugar; e, ii) o árabe faz do lugar aonde vai, o seu lugar também, que fica bem expressado na frase o “fazer dar certo”. Segundo a autora, a valorização familiar serve de conduta, de incentivo para imigrar, buscar

⁶ *Surata* é cada capítulo do Alcorão, livro sagrado do Islamismo.

novas oportunidades, visto que, tem que suprir as necessidades básicas da família. Enquanto a ideia do “fazer dar certo” está atrelada à vontade de empreender, de estar sempre inovando, buscando diversificar suas mercadorias, suas lojas, enfim, buscando sempre valorizar o cliente criando um ambiente não só atraente, mas também de qualidade e bom preço (ALVES, 2014).

Assim, observa-se que há uma certa essência empreendedora nos árabes diante à visualização das oportunidades nas áreas fronteiriças, identificando que o local proporciona maior liberdade fiscal para os negócios. Além disso, nota-se que valorizar a prosperidade individual e familiar está diretamente vinculado à princípios culturais e históricos.

Sobre isso, Castro (2007) aponta que na medida que os árabes acumulavam capitais, abriam lojas pequenas e chamavam amigos e parentes para trabalharem juntos, por meio de uma venda por consignação, o que indica que criavam-se relações de confiança. Na medida que prosperavam no setor comercial, se dedicavam ao comércio atacadista, ofertando mercadorias para os *patrícios*⁷ que iam chegando, gerando assim, um círculo de relações.

Em outras palavras, observa-se que a facilidade dos árabes em potencializar suas atividades comerciais, está essencialmente relacionada com a sua própria cultura. Além disso, a valorização familiar e do trabalho cria um “tipo” de círculo virtuoso, pois o imigrante já estabelecido na fronteira, acabava trazendo amigos e familiares. Nesse processo, o árabe “fronteiriço” repassava todos os aspectos e informações necessárias para a inserção desses atores no comércio local, o que acabava criando relações sociais, dotadas de confiança.

Portanto, compreende-se que os povos árabes, em vista de todos os aspectos históricos e culturais, possuem um elevado nível de capital social, pois a confiança que é um dos elementos principais na construção de relações de cooperação e de organização social, ficou bem evidenciado. Todos esses aspectos, tornam significativa as influências que a cultura árabe tem desempenhado na construção tanto do cotidiano citadino como no desenvolvimento econômico da fronteira de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY).

COSIDERAÇÕES FINAIS

Com o decorrer deste estudo, buscou-se incitar reflexões acerca da influência árabe no desenvolvimento econômico da região fronteiriça nas cidades de Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero. Além disso, visou-se entender como os laços, as relações e os valores predominantes da cultura dos árabes, ou seja, o capital social deste grupo étnico contribui para a dinâmica comercial.

O protagonismo dos atores locais, no caso, os árabes, enfatizado pelas riquezas advindas da dimensão sociocultural desse grupo, foram determinantes para o desenvolvimento e expansão do comércio fronteiriço. Essa evidência relaciona-se com os pressupostos relacionados com o capital social, pois o imigrante árabe pode também ser visto

⁷ Pessoa da mesma pátria ou localidade, um compatriota, conterrâneo.

como um ator social, pois os aspectos direcionados à sua cultura vincula-se com valores como a lealdade, confiança, cooperação, e a valorização familiar.

Portanto, identificou-se que o impacto dessa imigração no crescimento econômico está justamente na sua forma de fazer comércio e sua cultura, os árabes são facilmente diferenciados de outros comerciantes, com a vontade de empreender e de diversificar suas mercadorias, suas lojas, enfim, de buscar sempre valorizar o cliente criando um ambiente não só atraente, mas também de qualidade e bom preço.

Esses fatores foram fundamentais para que esses imigrantes pudessem prosperar, que ao fazer poupança e acumular capital mais lojas foram abertas no intuito de trazer familiares e amigos. Assim, acabou sendo gerada uma “manutenção” e expansão da imigração árabe para a fronteira binacional analisada, que foi percebida como uma vantagem comparativa e estratégica para esses povos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. *Revista Economia Aplicada*, nº 2: 2000.
- ALVES, Cinara Neumann. *Cultura árabe e desenvolvimento econômico em regiões fronteiriças do sul do Brasil: a presença árabe no comércio de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)*. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade de Santa Cruz do Sul, 2014.
- AMARAL FILHO, Jair do. A Endogeneização no Desenvolvimento Econômico Regional e Local. *Planejamento e Políticas Públicas*, Brasília, n. 23, p.261-286, jun. 2001.
- BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. Turismo e fronteira: integração cultural e tensões identitárias na divisa do Brasil com o Paraguai. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural [en linea]* 2011, 9 (Mayo-Sin mes)
- BANDUCCI JUNIOR, A. *Mercado popular na fronteira do Paraguai com o Brasil: parâmetros de legalidade e relações de alteridade*. In: V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste, 2015, Maceio. Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste, 2015
- BARQUERO, Antonio Vasquez. *Desenvolvimento Endógeno em Tempos de Globalização*. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2002.
- BENITO, R. del A. *Transformaciones económicas y cambios sociodemográficos en el espacio de conurbación Tarragona-Reus (1960-1996)*. Tese de Doctorado. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/8602/tesisdoctoralp.PDF?sequence=3>> Acesso em 20/11/2018.

- BOISIER, S. *Conversaciones sociales y desarrollo regional: potenciación del capital sinérgico y creación de sinergia cognitiva en una región (Región del Maule, Chile)*. Talca: Universidad de Talca, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL, *Portaria nº 125 em 21 de Março de 2014*. Estabelece o conceito de cidades-gêmeas nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. Seção I. D.O.U. 24 de Mar. 2014.
- CANEDO, Daniele. *Cultura é o que? Reflexões sobre os conceitos de cultura e atuações dos governos públicos*. *Anais do V Encontro Multidisciplinar em Cultura*, Salvador, 2009.
- CASTRO, Cristina Maria de. *A construção de identidades muçulmanas no Brasil: um estudo das comunidades sunitas da cidade de Campinas e do bairro paulistano do Brás*. 2007. 253 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, v. 94, p. 95-120, 1988.
- CRUZ, María Clara Santa. *Diversidad Socio Cultural En Paraguay*. Centro de Investigaciones en Filosofía y Ciencias Humanas. Extracto de la Consultoría elaborada para la Secretaría Nacional de Cultura Año 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/gfx_uploads_contents_50d1d5f93415c_Diversidad Sociocultural en Paraguay Identidades Nacionales y Lingsticas.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/gfx_uploads_contents_50d1d5f93415c_Diversidad_Sociocultural_en_Paraguay_Identidades_Nacionales_y_Lingsticas.pdf). Acesso em 27/09/18.
- DALLABRIDA, V. R.; BECKER, D. F. Governança Territorial: um primeiro passo na construção de uma proposta teórico-metodológica. *Desenvolvimento em Questão*, v. 1, n. 2, p. 73-97, 2003.
- DALLABRIDA, Valdir Roque; MARCHESAN, Jairo. Desenvolvimento na Região do Contestado: reflexões sobre Território, Identidade Territorial, Recursos e Ativos Territoriais, Indicação Geográfica e Desenvolvimento (sustentável). In: DALLABRIDA, Valdir Roque (Org.). *Território, Identidade Territorial e Desenvolvimento Regional: reflexões sobre Indicação Geográfica e novas possibilidades de desenvolvimento com base em ativos com especificidade territorial*. São Paulo: Editora Liberars, 2013. Cap. 10. p. 197-232.
- DALLABRIDA, Valdir Roque. *Desenvolvimento Regional: por que algumas regiões se desenvolvem e outras não?* 1.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.
- DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS (DGEEC). *Manual del Censista. Censo Nacional de Población y Viviendas*. Paraguay, 2012.
- DUARTE, Vilmar Nogueira. Desenvolvimento equilibrado versus Desenvolvimento desequilibrado: uma breve revisão das principais teorias. *Anais VI Encontro Científico De Administração, Economia e Contabilidade*, v. 1, n. 1, 2013.

- EL-MOOR, Patrícia Dario. O Reconhecimento da Presença Árabe no Brasil: na busca de uma identidade Nacional. In: *Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*, realizado em Salvador, 2011.
- FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Elzamária Araújo. Aspectos de herança da língua árabe na língua portuguesa pontos de terminologia. *Debate Terminológico*. n. 02, 2006.
- FIALHO, Joaquim. O Capital Social no Contexto da Teoria Sociológica Contemporânea. *Revista Desenvolvimento e Sociedade*, n.º 1, Portugal, Nov. 2016, p. 69-82. Disponível em: <http://www.revistas.uevora.pt/index.php/desenvolvimento_sociedade/issue/view/76/sHowToc> Acesso em 27/09/2018.
- FOCHEZATTO, Adelar. Desenvolvimento regional: novas abordagens para novos paradigmas produtivos. In: CONCEIÇÃO, Octávio A. C. et al. (Org.). *O ambiente regional*. Porto Alegre: FEE, 2010. (Três décadas de economia gaúcha, 1).
- FUKUYAMA, Francis. *Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- HIGGINS, Silvio Sale. *Os Fundamentos Teóricos do Capital Social*. Chapecó, Argos Ed. Universitária, 2005.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Brasil: 500 anos de povoamento: território brasileiro e povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- JUNIOR, Luciano Alexandrino Santos; CARDOZO, José Carlos Silva. Chuí, uma extensão do Oriente Médio na América Latina: A migração Palestina e a contribuição da cultura árabe na Fronteira Meridional do Brasil. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 3, n. 3, 2017.
- KLIKSBERG, Bernardo. Capital social y cultura, claves olvidadas del desarrollo. *Foro internacional*, p. 454-496, 2002.
- LAPUENTE, Rafael Saraiva. A contribuição árabe para o Brasil: Um esboço acerca da influência árabe no Brasil colônia. Disponível em: <https://rafaellapuate.files.wordpress.com/2012/11/brasil-c3a1rabe.pdf>. Acesso em 15 out 2017.
- LIMA, A. C. C.; SIMÕES, R. Teorias clássicas do desenvolvimento regional e suas implicações de políticas econômicas: o caso do Brasil. *RDE. Revista de Desenvolvimento Econômico*, v. 12 n21, p. 5-19, 2010.
- LIMA FILHO, S. C. de. Capital social e desenvolvimento sustentável: a experiência de Campo do Brito/SE. *Documentos Técnico-Científicos*, v. 42, n. 1, p. 139-163, jan./mar. 2011.

- LOPES, R. P. M. *Universidade pública e desenvolvimento local: uma abordagem a partir dos gastos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*. Vitória da Conquista, BA: edições UESB, 2003.
- MACHADO, L. O. “Cidades na fronteira Internacional: conceitos e tipologia”. In: NUÑEZ, A.; PADOIN, M. M.; OLIVEIRA, T. C. M. de. *Dilemas e Diálogos Platinos “Fronteiras”*. Dourados: Editora UFGD, 2010 – vol.1.
- MACHADO, L; HAESBAERT, R.; RIBEIRO; L. P.; STEIMAN, R. PEITER, P.; NOVAES, A. “O desenvolvimento da faixa de fronteira: Uma proposta conceitual-metodológica.” In: OLIVEIRA, T. C. M. (org) *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: Editora UFMS, 2005. p. 87-112.
- MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- MULLER, K. M. Espaços de fronteira nacionais, polos de integração. In: OLIVEIRA, T. C. M. (org) *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: Editora UFMS, 2005. p. 573-592.
- MULS, Leonardo M. Desenvolvimento local, espaço e território: o conceito de capital social e a importância da formação de redes entre organismos e instituições locais. *Revista Economia*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 1-21, 2008.
- OSMAN, Samira Adel. O Retorno de Famílias Imigrantes do Brasil para o Líbano: entre projetos e realidades. *Cadernos Obmigra - Revista Migrações Internacionais*. v. 2, p. 5-38, 2016.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena. *Fronteiras Culturais: Brasil - Uruguai - Argentina*. Cotia - Sp: Ateliê Editorial, 2002. p. 35-40.
- PUTNAM, Robert D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*/ Robert D. Putnam, com Robert Leonardi e Raffaella Y. Nanetti; tradução Luiz Alberto Monjardim. - 5 ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- RABOSSI, F. Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma re- interpretação. In: Seyferth, G; Póvoa, H; Zanini, M.C.; Santos, M. (Org.). *Mundos em Movimento: Ensaio sobre migrações*. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2007, p. 287-312.
- RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). *Território sem limites – estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2005.
- RIBEIRO, Ivo Cássio Dias; FERNANDES, Elaine Aparecida; RIBEIRO, Hilton Manoel Dias. A importância do capital social para o desenvolvimento de uma região. *Revista Ruris*. V. 6, n.1, março/2012, p. 15-41. Disponível em:

<<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/viewFile/1555/1072>> Acesso em 27/09/2018.

SACHS, Ignacy. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, Marcel. *Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56.

SACHS, Ignacy. Sociedade, cultura e meio ambiente. *Mundo & Vida*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 7-13, 2000.

SACHS, J. D.; LARRAIN, F. *Macroeconomia*. São Paulo: Makron Books, 1995.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Schwarcz, 2008.

SILVA, Lindomar de Jesus de Sousa. *Limites à endogeneização do Desenvolvimento numa região de fronteira: o caso de Paragominas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém - PA, 2007.

SOUZA, N. J. *Desenvolvimento econômico*. 6 ed. São Paulo: Atlas. 2012.

SOUZA, N. J. Economia Regional: Conceito e Fundamentos Teóricos. *Perspectiva Econômica* (UNISINOS. Impresso), v. 11, n. 32, p. 67-102, 1981

TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

WOOLCOCK, Michael. Social capital and economic development: toward a theoretical synthesis and policy framework. *Theory and Society*. v. 27, n. 2, p. 151-208, 1998.
Disponível em:
<<https://pdfs.semanticscholar.org/dff7/cc45a44c1c9b9eddba200b096ed69929d2bc.pdf>>
Acesso em 27/09/2018.